

O Emirado dos Ikhshidids no Egito, 935-969: uma síntese

The Ikhshidids' Emirate in Egypt, 935-969: a synthesis

José Henrique Rollo*

Resumo

A emergência de emirados autônomos em províncias importantes do Império Islâmico foi uma das expressões mais significativas da crise do Califado Abássida nos séculos IX e X. Movido por intenções didáticas, este artigo expõe alguns dos principais aspectos do emirado dos Ikhshidids, dinastia que controlou o Egito, a Síria e o Hijaz, entre 935 e 969 EC e construiu um protoimpério. Atenção especial é dada a Kafur, um eunuco negro que governou o emirado, primeiro como regente e, depois, como emir efetivo. A ideia sociológica evocada para explicar seu trajeto peculiar é a noção estrutural-funcionalista de *recursos organizacionais*.

Palavras-chave: Oriente Médio Medieval; Emirados autônomos; recursos organizacionais.

Abstract

The emergence of autonomous emirates as important provinces of the Islamic Empire was one of the most significant expressions of Abbasid's Caliphate crisis in the 9th and the 10th centuries. Moved by didactical intentions, this article exposes some of the main features of the emirate of the Ikhshidids, a dynasty that controlled Egypt, Syria, and Hijaz between 935 and 969 CE, and built a kind of proto-empire. Special attention is given to Kafur, a black eunuch that ruled the emirate, first as a regent and finally as the effective emir. The central sociological idea evoked to explain his career is the structural-functionalist notion of *organizational resources*.

Keywords: Medieval Middle East; Autonomous emirates; Organizational resources.

*Doutor em História Comparada pela UFRJ. Professor do Curso de História, do Mestrado Profissional em Políticas Públicas (Depto de Ciências Sociais) e do Mestrado Profissional em Ensino de História (Depto de História) da UEM. E-mail: zrollo@uol.com.br

Introdução¹

No começo do século IX, época em que atingiu o auge de sua expansão geográfica, o Califado governado pela dinastia dos Abássidas se constituía como um gigantesco império sediado em Bagdá e dividido em numerosas províncias entre a Península Ibérica e a Ásia Central. Em seu interior, muçulmanos e populações crescentemente islamizadas conviviam – ora em conflito, ora em cooperação – com judeus e cristãos, comunidades que, de acordo com a palavra corânica, eram *dhimmi*, protegidos do Islã.² Essa ordem imperial exercia uma forte atração – e, com frequência, um poder colonial efetivo – sobre grupos nômades e sobre pequenos agrupamentos sociopolíticos estabelecidos em suas bordas asiáticas, africanas e europeias. Nessas áreas eram obtidos cativos e outros butins, bem como tributos dos mais variados tipos. Foi numa delas, o vasto sul da Ásia Central, que, a partir dos governos de Al-Mamun (813-832) e Al-Mutasim (833-842), começaram a ser recrutados com regularidade guerreiros de clãs turcos para comporem a guarda pessoal do califa.³

Cem anos mais tarde, o Estado imperial dos Abássidas vivia uma crise profunda. Desencadeavam-se por todos os seus poros forças centrífugas de diferentes intensidades e naturezas que ameaçavam seriamente sua reprodução. Três grandes vetores de desagregação convergiram e criaram as condições para tal quadro. Primeiro: as rebeliões populares, como as levadas a cabo pelos escravos de origem africana (os *Zanj*) e seus aliados no sul da Mesopotâmia, entre 869 e 883, ou pelos Carmatianos (Carmatas, *Qarmatis*), ismaelitas que se insurgiram no Iraque, entre 877 e 899. Essas revoltas se alastram e, no caso dos *Zanj*, houve ameaças efetivas de ataque à própria capital do Império. Para combater esses movimentos foi preciso arregimentar tropas provenientes de várias regiões e contratar mercenários, o que levou o califado a gastar uma parte substantiva do seu tesouro.⁴ Segundo: a presença cada vez mais influente na corte califal de militares oriundos das tribos turcas que penetraram no espaço abássida ou que foram adquiridos sob a forma de cativos e ascenderam social e politicamente naquele ambiente. Os comandantes turcos se tornaram,

¹ *Um esclarecimento*: nesse texto, que se baseia em obras ocidentais de divulgação, decidiu-se pela mera simplificação (retirando os acentos e as marcas fonéticas, por exemplo) dos nomes próprios árabes, iranianos e turcos, tomando por base as transliterações corriqueiras para as línguas portuguesa e inglesa.

² Para os significados do termo *dhimmi* veja-se GARCIA, L. G. *Diccionario de Islam e Islamismo*. Madrid: Espasa Calpe, 2009, pp. 85-86 e LOPES, M. S. *Novo Dicionário do Islão*. Alfragide: Casa das Letras, 2010, [2ª Ed.], pp. 103-104.

³ KENNEDY, H. *Mongols, Huns and Vikings: Nomads at War*. London: Cassel, 2002.

⁴ Ver FAWZI, F. O. “L’Arabie et les territoires arabes du Levant (Al-Mashriq)” in: AL-BAKHIT, M. A.; BAZIN, L.; CISSOKO, S. M. et al. *Histoire de l’Humanité*. Paris: Unesco, 2008, Volume IV (600-1492), pp. 737-784.

já em finais do século IX, a efetiva elite dirigente, deslocando a pessoa do califa para um terreno quase que exclusivamente religioso. Terceiro: a crescente dificuldade abássida de manter um controle minimamente centralizado de um espaço imperial daquelas proporções. Não havia recursos militares e burocráticos para tamanha empreitada e nem sempre era possível contar com o apoio dos dirigentes regionais, que, com frequência, procuravam ampliar sua autonomia.⁵

Uma das províncias nas quais as forças descentralizadoras conheceram maior intensidade foi o Egito. Entre 869 e 905, uma dinastia de origem turca, os Tulúnidas, esteve à testa de um emirado que projetou uma política expansionista sobre as áreas vizinhas e manteve uma forte independência administrativa e econômica diante da corte califal. Trinta anos depois da retomada do controle abássida do Egito, a dinastia dos Ikhshidids, assumiu o mando da província e, embora alegasse fidelidade ao califa, procurou desenvolver seu próprio projeto de autonomia e ação imperialista. Um indivíduo em particular ficou fortemente associado a essa iniciativa, o eunuco Abu'l-Misk Kafur (aproximadamente, *Cânfora, Pai do Musgo*), a quem coube cuidar de príncipes herdeiros adolescentes que não tinham condições de assumir o trono e efetivamente comandou o emirado durante boa parte de sua curta existência. Esses episódios são apenas brevemente mencionados pelos manuais de história do Oriente Médio ou da África e praticamente ignorados pelos compêndios de história medieval. Sendo assim, este artigo tem por objetivo fazer uma exposição didática desse intento de construção por elites dirigentes de origem turca de um (segundo) emirado autônomo no país do Nilo.

Uma nota sobre impérios, províncias, centros e periferias

Desde meados dos anos de 1990, tem-se notado um crescente e cada vez mais vibrante interesse pelas histórias dos impérios. É bem provável que a relativamente breve e um tanto surpreendente desagregação de um deles, a União Soviética, tenha sido, senão o mais importante, pelo menos um dos motivadores principais da ampliação das linhas de pesquisa sobre o tema, quer entre os macrossociológicos, quer entre os historiadores narrativos convencionais. Nos anos que testemunharam o declínio e a queda dos governos exercidos pelos comunistas na Rússia, nas Repúblicas Soviéticas e nos Estados satélites da Europa Oriental, diversos estudos compararam o que estava a

⁵ Ver EGGER, V. O. *A History of the Muslim World to 1260: The Making of a Civilization*. Upper Saddle River: Pearson/Prentice-Hall, 2004, esp. pp. 94-113 e 142-171.

ocorrer naquela ordem imperial em estado falimentar com o que aconteceria em outras, que continham propriedades organizacionais mais ou menos similares, noutras épocas e regiões. Antigas teorias foram redimensionadas, proposições pouco discutidas foram conduzidas ao centro dos debates e novas noções foram postas em circulação. E retomou-se um velho mote historiográfico, segundo o qual, “uma grande parte da história do mundo é a história de impérios”.⁶

Uma parte dos debates recentes sobre o tema se concentra na pertinência do próprio termo império. Há os que o usam sem se preocuparem em estabelecer limites espaço-temporais muito rigorosos; há os que tentam especificar condições muito rígidas para que algo seja assim denominado; há os que estão bem mais interessados em chamar a atenção para as mudanças mais ou menos sutis que as organizações políticas de cunho imperial vivenciam ao longo do tempo e que muitas vezes escapam aos pesquisadores comparativos demasiado afeitos a quadros muito gerais de análise.⁷ Estas páginas foram escritas com essas questões em mente. Portanto, cabe desde já estabelecer o que nelas é entendido – em termos operacionais – como império ou ordem imperial. Uma aproximação aos esquemas organizacionais dos impérios, em particular as relações entre centros e periferias/áreas coloniais, pode ser feita mediante o que Stephen Howe escreveu a respeito. Para ele, uma definição útil de império é a seguinte: “uma unidade política grande, compósita, multiétnica ou multinacional usualmente criada por meio de conquista e dividida entre um centro dominante e periferias subordinadas, às vezes, muito distantes”.⁸

O historiador britânico especificou alguns traços que caracterizariam quase todos os impérios. Um dos que interessam particularmente para este estudo é o fato de que essas organizações políticas “sempre envolvem uma mistura de governo direto e governo indireto”.⁹ Sem a colaboração de setores das sociedades regionais seria praticamente impossível manter um esquema eficaz de dominação a longo prazo. Em muitos casos, há, com o tempo e com a aquisição de mútua confiança e compartilhamento de interesses, a transferência de alguma autoridade das elites dirigentes alocadas no centro da ordem imperial para os chefes dos clãs aliados/clientes das províncias.

⁶ HOWE, S. *Empire: A Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2002, p.1.

⁷ Uma sinopse muito útil dos diferentes usos da noção de império entre os historiadores encontra-se em KENNEDY, D. K. “Empire” in: MCNEILL, W. H. et al (Eds.). *Berkshire Encyclopedia of World History*. Great Barrington: Berkshire Publishing Group, 2005, Vol. 2, pp. 640-646.

⁸ HOWE, S. *Op. cit.*, p. 30.

⁹ *Idem*, p. 15.

Esse fator tático, no entanto, não deve ser superestimado. Como ele mesmo observa logo a seguir, “a ênfase em intermediários, colaboradores, barganhas e descentralização não deveria, porém, ser levada muito longe. O império foi, também, com frequência, de fato, talvez, tipicamente, estabelecido e mantido pela violência”.¹⁰

O elemento constitutivo das ordens imperiais que mais importa neste momento são as *relações entre centro e periferia*. Por isso, convém escamá-lo um pouco. Dado que, com muita frequência, os historiadores miram os impérios a partir do centro dominante, eles tendem a levar pouco em conta a formação de vetores expansionistas ou protoimperialistas nas bordas de algumas daquelas organizações políticas.¹¹ Os impérios, às vezes, geram projetos rivais em seu próprio ventre, o que nem sempre notam – ou nem sempre dão o relevo que a questão merece – aqueles que observam seu funcionamento somente a partir do seu núcleo. Exemplo disso foi o Emirado dos Tulúnidas (869-905). Embora não tenham deixado de prestar fidelidade ao califa, o emir Ahmed ibn Tulun e seus herdeiros aproveitaram o enfraquecimento do centro imperial e adotaram uma série de medidas destinadas a fortalecer sua autonomia. Mediante pactos ou conquista militar, eles capturaram tributariamente e estabeleceram relações de clientela com regiões da Síria e do Magrebe, fazendo do Egito o que já se chamou de “o centro de um pequeno império”.¹²

O Estado califal governado pela dinastia dos Abássidas era um império. Ele mantinha uma burocracia centralizada cujos cargos dirigentes – executivos e judiciários – eram controlados pela corte bagdadiana, ainda que tal organização estivesse viesada por fortes tensões e seu funcionamento pleno competisse com a contínua emergência de ambições políticas locais no interior do espaço imperial. Essa burocracia era replicada nas províncias. Graças ao poder coercitivo de suas forças armadas e ao prestígio do seu titular, herdeiro político e religioso do Profeta Muhammad, o Califado era capaz de extrair um fluxo contínuo de tributos das áreas provinciais e assegurar fluidez das vias de transporte, de tal modo que os excedentes agrícolas podiam circular de uma região para outra. Ao longo dos séculos IX e X, brotaram dentro dessa estrutura imperial – de contornos geográficos pouco claros aos olhos de hoje – projetos dinásticos/clânicos que visavam desde a construção de emirados

¹⁰ *Idem*, p. 16.

¹¹ Exemplos importantes dessa perspectiva são LICHTHEIM, G. *Imperialism*. New York: Pelican, 1974 e PAGDEN, A. *Peoples and Empires*. New York: The Modern Library, 2007.

¹² LITTLE, D. P. “Egypt: from the Islamic conquest to 1250”. *New Encyclopaedia Britannica*, 15th edition, 1993, Macropaedia, Vol. 18, p. 131.

autônomos (que precisariam sobreviver por meio de negociações contínuas e guerras eventuais com o centro) até a formação de ordens imperiais em competição aberta com Bagdá e com as províncias leais ao califa. Em ambos os casos, operava intensamente um elemento fundamental que os historiadores acima referidos nem sempre grifaram com o devido negrito: o dínamo expansionista.

Os impérios foram e continuam sendo edificados através de conquistas – conquistas materiais e, para evocar uma expressão que já teve seus dias, *conquistas espirituais*. Mas é sempre bom lembrar que, por diversos motivos, desde as resistências dos dominados até as disputas entre os próprios dominadores, passando pelas ofensivas dos impérios rivais ou quaisquer outras organizações políticas hostis, eles não são assentamentos estáticos. Tanto no passado muito distante quanto no passado quase presente, as ordens imperiais entraram em crise – no limite, colapsaram – conforme suas possibilidades de agregação de novos espaços de dominação se esgotaram (definitiva ou momentaneamente) ou à medida que o maquinário expansionista exigiu a realocação para si de recursos que deviam ser destinados a outros dispositivos igualmente importantes para o exercício do poder imperial.¹³ Já se tocou nessa questão em um parágrafo acima quando foram mencionados alguns fatores críticos que atingiram o Califado a partir de meados do século IX. Cabe, agora, adentrar pela formação do Emirado dos Ikhshidids no Egito, processo que, dentre outras consequências, levou ao rompimento dessa província com o centro imperial e, após a derrubada daquela dinastia pelos Fatímidas, em 969, seu deslocamento para fora do Islã sunita por dois séculos.

O Egito e o Califado, 639-935

Domínio de Bizâncio, a velha Terra dos Faraós foi tomada pelos árabes entre 639 e 646. De um modo geral, os historiadores concordam que a conquista contou com o apoio de uma parcela importante da população local, em particular dos cristãos coptas, adeptos de uma variante do cristianismo considerada herética pelo clero católico. Submetidos a governadores autoritários e forçados a pagar impostos constantemente elevados, eles debandaram para o lado dos muçulmanos, que, entre outras coisas, garantiram que eles não seriam forçados a se converter ao novo credo. Ao assumirem o controle do Egito a partir do ano 30 antes de Cristo, os romanos esperavam arrebatar

¹³ Veja-se CARTIER, M. “Impérios” in: ROMANO, R. (Dir.). *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1989, Vol. 14, pp. 318-329.

a farta produção de grãos dos camponeses do delta do Nilo. E conseguiram. Ao invadirem aquela região seis séculos mais tarde, os árabes queriam fazer o mesmo.¹⁴ Todavia, eles encontraram uma economia arruinada pelos anos de guerras entre os persas e os bizantinos, entre 619 e 629. Muitos campos estavam abandonados e faltava mão de obra. Mercadores, artesãos e camponeses desejavam, antes de tudo, estabilidade. Diante disso, custava pouco ao povo do Egito dar um voto de confiança aos invasores.¹⁵

A retomada do crescimento econômico tornou-se uma das metas fundamentais dos novos dirigentes. Os governos do general Amr ibn al-As, que dirigiu a província em duas ocasiões, entre 641 e 664, foram muito bem-sucedidos a esse respeito. As estradas foram recuperadas, fizeram-se obras hidráulicas, os camponeses foram estimulados a retornar aos campos, a ordem tributária foi reorganizada e a produção agrícola – legumes, arroz e trigo – voltou a crescer. Uma nova capital foi edificada, a partir de 642, em Fustat, um acampamento militar próximo ao rio Nilo, a 170 quilômetros do litoral. Dela era mais fácil chegar ao Mar Vermelho, caminho marítimo para Meca e Medina, cidades santas. E dela também era possível vigiar mais eficientemente as tribos nômades que percorriam as rotas do Saara e perceber mais prontamente quem estivesse a descer o Nilo. Como eram minoria, os muçulmanos não somente evitaram uma política agressiva de conversões como foram obrigados a recrutar locais para o serviço administrativo, o que retardou até o começo do século VIII a adoção plena do árabe como idioma público oficial.¹⁶

Da morte do emir Ibn al-As até 868, quando o militar de origem turca Ahmad ibn-Tulun assumiu o poder, sucederam-se dezenas de governadores que, de um modo geral, praticaram gestões extremamente repressivas e cobraram tributos cada vez mais elevados, que eram carreados, na época omíada (661-750), para Damasco e, depois, na época abássida (750-868; 905-935), para Bagdá. Sucederam-se, também, motins populares cada vez mais longos e quedas abruptas no abastecimento agrícola.¹⁷ Assim, no começo do século IX, os dirigentes do Estado Califal decidiram intervir no Egito. Em 832, Al-Mamun viajou para Fustat acompanhado por membros do alto clero copta e por um contingente de militares turcos. Ele esperava que os padres

¹⁴ IKRAM, S. "Egypt, Ancient: Agriculture" in: SHILLINGTON, K. (Ed.). *Encyclopedia of African History*. New York: Fitzroy Dearborn, 2005, Vol. 1, pp. 415-416.

¹⁵ GOLDSCHMIDT, JR, A. *A Brief History of Egypt*. New York: Facts On File, 2008, pp. 36-40.

¹⁶ SAUNDERS, J. J. *A History of Medieval Islam*. London: Routledge, 1996, pp. 52-57.

¹⁷ LO JACONO, C. "L'Egitto dalla conquista araba a Napoleone" in: BRANCA, P. (A cura di). *Egitto: Dalla Civiltà dei Faraoni al Mondo Globale*. Milano: Jaca Books, 2007, pp. 63-86.

pudessem intermediar negociações com as lideranças rebeldes e que os comandantes turcos, de notória devoção à sua pessoa e sem relações com as elites locais, pudessem tornar a administração da província mais eficiente e menos impopular.¹⁸ Contudo, essas medidas não demoraram a se revelar uma punhalada no próprio pé.

Em 868, durante o reinado do califa Al-Mutazz, o turco Ahmad ibn-Tulun (835-884) assumiu o governo do Egito e, depois de ganhar a confiança de uma parcela dos notáveis regionais, começou a promover mudanças drásticas no oficialato administrativo e militar, dando início a um processo de forte concentração da autoridade provincial em suas mãos. Em 876, ele decidiu não mais enviar para Bagdá todo o montante dos impostos arrecadados e agigantou seu prestígio ao investir uma boa parte desses recursos em diversos tipos de edificações, como uma série de mesquitas, um hospital para homens e mulheres, um hipódromo, um bairro inteiro na capital (Qatai) e obras de irrigação que favoreceram o crescimento agrícola e expandiram o volume dos impostos recolhidos. Para obter apoio nas tropas e na burocracia, Ibn Tulun fez ampla distribuição de *iqta*.¹⁹ Em 877, tendo por pretexto o combate a focos de rebeldia e aos desmandos do governador da Síria, Ali ibn Amajur, ele reuniu uma enorme tropa composta por turcos e sudaneses e tomou aquela região. Nos anos seguintes, estendeu seus domínios até a Líbia e manteve confrontos permanentes com tropas bizantinas na Ásia Menor.²⁰ Ao morrer, em 884, sua autoridade se espalhava da Líbia ao norte da Síria. O país do Nilo voltara a ser um grande exportador de alimentos e de papiro, tinha um forte setor têxtil e vivia uma fase de expansão dos empregos. Era, também, um grande comprador de escravos provenientes da Europa, da Ásia e da África Negra.²¹

Os sucessores de Ahmad ibn Tulun não tiveram sua capacidade administrativa e militar. Khumarawayh, que assumiu o governo aos 20 anos de idade, ainda pode contar com o prestígio e o poder acumulado pelo pai. Ele expandiu

¹⁸ BOSWORTH, C. E. "The historical background of Islamic Civilization" in: SAVORY, R. (Ed.). *Introduction to Islamic Civilization*. New York: Cambridge University Press, 1994, pp. 20-22.

¹⁹ *Iqta*: o direito (não hereditário) de auferir renda sobre uma parcela de terra como pagamento pelos serviços prestados. A renda obtida dependia do que fosse produzido ou comercializado na área concedida. SATO, T. "Land tenure and ownership, or *iqta*" in: MERI, J. (Ed.). *Medieval Islamic Civilization: An Encyclopedia*. New York/London: Routledge, 2006, Vol. 2, pp. 447-449.

²⁰ SHALABY, A. "Islam in Egypt, Nubia, and Sudan" in: EL HAREIR, I.; M'BAÏE, R. (Eds.). *The Different Aspects of Islamic Culture*. Paris: Unesco, 2011, Vol. III, pp. 245-246.

²¹ DELACAMPAGNE, C. *Histoire de l'Esclavage*. Paris: Le Livre de Poche, 2002, pp. 116-124. Também, CHAPOUTOT-REMADI, M.; DAGHFOUS, R. "La culture sociale et matérielle dans le monde islamique" in: AL-BAKHIT, M. A.; BAZIN, L.; CISSOKO, S. M. et al. *Histoire de l'Humanité*. Paris: Unesco, 2008, Volume IV (600-1492), pp. 687-728.

o domínio da dinastia sobre a Cirenaica, a oeste, e uma parte da Mesopotâmia, a leste. Porém, foi assassinado, em 895 (ou 896), por um escravo, que seria amante de uma de suas favoritas. Abu Asakir Jaysh, seu filho, um garoto de 14 anos, ficou somente seis meses no cargo. Acusado de práticas imorais, ele foi destituído pelos juízes e morto pelos militares, que entronizaram seu irmão Abu Musa Harun, de 13 anos. Este permaneceu no cargo, mas não passou de uma marionete dos comandantes. Dali em diante, o emirado foi aceleradamente desagregado pelas disputas entre frações da elite militar. Em 902, Al-Muktafil assumiu a titularidade do Califado, em Bagdá. Ele e seu grupo de apoio pretendiam reunificar o Império Abássida, a começar pela retomada do pleno controle do Egito e da Síria. Dois anos depois, tropas do exército e da marinha califal atacaram Fustat. O pequeno império dos Tulúnidas não pode contar com militares leais o suficiente para defendê-lo e foi facilmente tomado em meados de 905. Qatai foi arrasado, os bens da dinastia confiscados e seus membros levados como prisioneiros para Bagdá.²²

A reintegração do Egito e da Síria ao Califado, no entanto, malogrou. De 905 a 935, sucederam-se anos de motins, de quedas abruptas de governantes e de disputas violentas entre segmentos da elite dirigente. Durante aquele período bastante conturbado, houve golpes de Estado, como o que foi dado por Khalangi, um jovem militar que tomou as rédeas da província entre setembro de 905 e maio de 906. E viram-se governadores nomeados que pretenderam acumular toda a autoridade administrativa em suas mãos e se distanciarem de Bagdá. Porém, esses indivíduos e seus associados não puderam dar plena vazão às suas ambições, pois não era possível fazer muita coisa sem o apoio dos soldados, que cobravam bem caro por isso. Para se ter uma ideia da situação, note-se que, de 910 a 924, ocorreram oito trocas de governadores. Um deles, Tekin al-Gezeri, foi nomeado quatro vezes ao longo daqueles anos; outro, Mahmud ibn Hamal, ficou somente três dias no cargo, em 921.²³ Resumindo o tom indignado dos cronistas árabes medievais, um historiador vitoriano afirmou que,

[...] as tropas enviadas por Bagdá para manter a segurança do Egito contra a revolta interna e a invasão estrangeira ditaram seus próprios termos a sucessivos governadores, e o homem que deveria governar a província devia ser aceito primeiro pelas tropas, que faziam depender seus favores de seu pagamento. Portanto, depois dos generais o personagem mais poderoso era

²² Para uma síntese do governo dos Tulúnidas, veja-se ROLLO, J. H. "Ahmed ibn Tulun e seus herdeiros: o primeiro emirado autônomo do Egito, 868-905". *História: Questões e Debates*. Curitiba, 59 (2), 2013, pp. 217-239.

²³ LANE-POOLE, S. *A History of Egypt in the Middle Ages*. New York: Charles Scribner's Sons, 1901, p. 77.

o tesoureiro, cujo cargo foi detido ao longo de todo esse período conturbado por uma família chamada Madarani (assim designada devido ao seu local de nascimento, Madaraya, perto de Basra, no Eufrates), que gradualmente adquiriu quase que o poder absoluto no Egito.²⁴

Entre as poucas autoridades que caíram nas graças do povo, sobressaiu o nome do *qadi* (juiz ou um operador judiciário de alta patente) Ibn Harbaweyh, reverenciado por tentar manter sua independência diante dos chefes militares e por permanecer no cargo por vários anos, mesmo com as súbitas mudanças dos titulares do governo provincial.²⁵ Todavia, é preciso observar que, seria mais do que temerário descrever aquela situação a partir da ideia de que a corrupção borbulhava por todos os cantos. Essa ideia é historicamente recente e não ajuda em nada a explicar a indignação dos contemporâneos, que efetivamente se erguiam em protesto contra os tributos elevados e contra os desmandos dos militares turcos, muitos dos quais nem se preocupavam em compreender a língua falada nas ruas pela população que dominavam. De todo modo, aquelas circunstâncias favoreciam sobremaneira os governantes e comandantes militares das chefias e dos principados vizinhos. Eles podiam se sentir seguros, pois não havia quem os desafiasse, como nos tempos de Ibn Tulun. E podiam esmerar suas próprias intenções expansionistas sobre o Egito e o Levante.

Hamdanidas e Fatímidas, vizinhos expansionistas

A crise interna da província egípcia do Califado vinha acompanhada de imensas dificuldades para organizar a defesa do país e resistir ao assédio crescente dos guerreiros nômades que emergiam do deserto. Além disso, havia novos adversários com pretensões de hegemonia sobre algumas áreas do espaço califal, os Hamdanidas e principalmente os Fatímidas. Por isso, cabem algumas observações sobre eles. Os Hamdanidas eram uma família árabe originalmente ligada à Banu Taghlib, uma tribo que habitava o norte da Mesopotâmia desde muito antes do advento do Islam. Eles eram sunitas e, diferente das várias tribos nômades que riscavam aquela região, eles viviam em áreas urbanas, nas quais empregavam soldados-escravos para sua proteção e para a manutenção da ordem pública.²⁶ No início do século IX, os Hamdanidas se expandiram pelo norte do Iraque e acabaram se envolvendo

²⁴ LANE-POOLE. *Idem, ibidem*.

²⁵ LANE-POOLE. *Idem*, pp. 77-78.

²⁶ FRENKEL, Y. "Hamdanids" in: MERI (Ed.). *Op. cit.*, Vol. 1, p. 312.

em confrontos armados com os Abássidas. Como era meta corrente naqueles tempos, eles visavam o controle de pastos, aldeias e rotas comerciais sobre as quais pudessem cobrar tributos. Como resultado das negociações de paz, eles foram incorporados ao universo de clientes do Califado.

Na segunda metade do século IX, um chefe do clã, Hamdan ibn Hamdun, desempenhou cargos administrativos regionais e seus descendentes formaram pequenas dinastias que governaram Aleppo, na Síria, e Mossul, na Mesopotâmia, até meados do século X. Suas veleidades expansionistas, porém, não foram abandonadas. Em 939, Abu Muhammad al-Hasan, que governava Mossul, assumiu a chefia do clã. Aproveitando que Bagdá estava imersa em disputas políticas violentas, conflitos que, três anos antes, haviam levado ao assassinato do califa pelos militares turcos, ele estacionou tropas ao longo do rio Tigre e apresentou-se como campeão da legitimidade dos Abássidas. Em 942, o califa Al-Mutaqi deu-lhe uma de suas netas em matrimônio e lhe consagrou com um título de sumo prestígio, *Nasir al-Dawla* (aquele que *assegura vitórias* ou que *sustenta* o Estado, a dinastia governante ou o governo legítimo). Título igualmente valioso foi conferido ao seu irmão e rival, Ali, emir de Aleppo, tornado *Sayf al-Dawla* (*Espada do Estado*, isto é, *Defensor do Estado*, da dinastia, do califa, ou do governo legítimo). Ambos foram agraciados com pensões pagas pelo Estado.²⁷

Ao longo da década de 940, os Hamdanidas estiveram fortemente empenhados em obter terras no norte da Síria, região de antigo e permanente confronto entre os muçulmanos e os bizantinos. Dominique e Janine Sourdel observaram a esse respeito que eles “retomaram por sua própria conta o costume das razias periódicas em território cristão”, iniciativa que, naquele contexto, a elite califal encastelada em Bagdá já não tinha a menor condição de conduzir. Foram eles também que responderam “aos rudes assaltos que os imperadores macedônicos dirigiam contra a Síria”.²⁸ Al-Hasan tornou-se emir de Aleppo em 944. De lá seus soldados faziam incursões ao Sinai (a caminho do Egito), mas ele passou boa parte de seu governo em refregas com as tropas de Bizâncio, que chegaram a invadir e saquear a cidade por alguns meses em 960. Ele morreu em 967. Seus sucessores, porém, não conservaram sua energia e sua habilidade política. Seu filho, Saad Abu Al-Maali, foi desafiado, desde que assumiu o mando, por um primo, Abu Firas. Esse confronto, algo muito maior do que uma disputa pelo poder no interior do clã, foi decisivo para o

²⁷ FRENKEL, Y. *Idem*, p. 313.

²⁸ SOURDEL, D. et SOURDEL, J. *Dictionnaire Historique de l'Islam*. Paris: Presses Universitaires de France/Quadrige, 2004, p. 332.

enfraquecimento e a desagregação dos Hamdanidas. Por volta de 980, eles haviam perdido Mossul e outras áreas da Mesopotâmia para o clã dos Buídas, que, em 945, tomou de assalto a capital do califado. Em 1015, foram atacados e destruídos por tropas dos fatímidas provenientes do Egito.²⁹

Quanto aos Fatímidas, que protagonizaram um importante capítulo da história da África do Norte e do Levante, sua trajetória é bem mais complexa e duradoura, mas, como neste relato eles são coadjuvantes, o que cabe fazer é apenas um sumário. Essa dinastia reivindicava descender do Profeta pela ancestralidade de Fátima, filha de Muhammad, e de seu marido, Ali, o quarto califa. O clã remontava de imediato a Abdallah (ou *Ubaydallah*, aproximadamente, *Pequeno servo/escravo de Deus*), personagem cercado de mistérios, que nasceu por volta de 873, em Salamiyah, na Síria, e que via a si mesmo – e era visto por seus seguidores – como al-Mahdi (o *Escolhido*), descendente de Ismail, o sétimo imã dos xiitas. Daí abraçar vigorosamente a perspectiva religiosa e política dos Ismaelitas. Tal linhagem sempre foi negada por seus adversários sunitas e por outros segmentos muçulmanos, como os Caradjitas. Não tem muito sentido discutir a veracidade dos fatos que sustentariam essa reivindicação de ancestralidade. Muitos outros clãs fizeram o mesmo no decurso dos séculos. O que importa acentuar é a força mobilizadora dessas convicções e o fato de que elas encontraram um chão fértil para se propagar nas áreas marginais da Arábia e do Norte da África.³⁰

Desde 800, a região que hoje é o norte da Tunísia era governada em nome do califa abássida pela dinastia dos Aglábidas.³¹ A população, em sua maioria muçulmana sunita, era quase toda etnicamente berbere e via esses dirigentes como mais um grupo aristocrático de árabes conquistadores, que, entre outras coisas, impunha-lhes uma nova língua administrativa (o árabe) e vários costumes exóticos, além de praticar as mais diversas arbitrariedades e cobrar impostos extorsivos.³² No começo do século X, um grupo de missionários (*du'at*, propagadores da fé) ismaelitas liderados por Abu Abdallah (ou Ubaydallah) encontrou grande receptividade naquela região. Não se sabe muito bem o teor das formulações políticas desses agitadores, mas pode-se presumir que não era difícil converter os conteúdos messiânicos de sua teologia em expectativas de mudanças sociais. De fato, embora os dirigentes

²⁹ FRENKEL, Y. *Idem*, p. 313.

³⁰ Cf. ARMAJANI, Y.; RICKS, T. H. *Middle East: Past & Present*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1986, pp. 74 e ss.

³¹ Ver BOULARÈS, H. *Histoire de la Tunisie*. Tunis: Cérès, 2012, pp. 214-231.

³² WYRTZEN, J. D. “Aghlabids” in: MERI, J. (Ed.). *Op. cit.*, Vol. 1, pp. 19-20.

da província fossem sunitas, a propaganda contra eles e contra o califa de Bagdá foi bastante facilitada pelas distâncias sociais profundas entre as elites e as classes populares. Em 909, contando com o entusiasmo de clãs berberes que se opunham à camada dirigente regional, os seguidores de Abu Abdallah derrubaram o governante aglábida e assumiram o controle de toda a área magrebina entre o centro-oeste da atual Argélia e a borda ocidental do Egito.³³

Os Fatímidas estabeleceram sua capital em Al-Mahdiyya, no litoral, levando Kairuan, antigo centro administrativo dos Aglábidas, para um segundo plano. Como era comum entre as dinastias governantes dos tempos pré-modernos, eles procuraram expandir seus domínios territoriais. Eles desejavam, evidentemente, ampliar seu escopo tributário. Para isso, era fundamental controlar rotas comerciais e de peregrinação, aldeias e cidades. Também queriam propagar a fé ismaelita. E, por suposto, atacar antes de serem atacados. Por tudo isso, uma vez consolidado seu poder na antiga área dos Aglábidas, eles desencadearam vetores expansivos em todas as direções. Em 914 e em 919, seus barcos atacaram Alexandria. Na primeira ocasião eles foram vencidos com certa facilidade, mas na segunda, suas tropas conseguiram avançar até o grande oásis de Faium, de onde só foram expulsas em 920.³⁴ Em 934, os egípcios foram atingidos por um terremoto que causou muitas mortes e grandes destruições. Pela mesma época, meteoritos rasgaram os céus. Nas mentalidades coletivas, esses fenômenos naturais foram encaixados facilmente no quadro de crise. Eram vistos como castigos divinos e alertas de que algo ainda mais terrível estava por acontecer.³⁵ Esse ambiente facilitou a propaganda dos Fatímidas contra os sunitas, mas ainda não foi naquela ocasião que eles puderam se apoderar do delta e do vale do Nilo.

De Ibn Tughj a Kafur e a Ahmad. Ascensão e queda dos Ikhshdids, 935-969

Quase trinta anos depois da derrubada dos Tulúnidas, Muhammad ibn Tughj foi escolhido pelo califa Al Radi para governar o Egito e a Síria. Ele provinha de uma prestigiada família de militares turcos originária do Vale do Fergana, na Ásia Central.³⁶ Seu avô fora escravo-soldado do califa Al-Mutasim

³³ SÉNAC, P.; CRESSIER, P. *Histoire du Maghreb Médiéval: VIIe-XIe Siècle*. Paris: Armand Colin, 2012, pp. 77-78.

³⁴ GLUBB, J. B. *A Short History of the Arab Peoples*. New York: Stein and Day, 1970, pp. 138-140.

³⁵ GOLDSCHMIDT, Jr., A. *A Concise History of the Middle East*. Boulder: Westview, 1999, pp. 76-77.

³⁶ Essa região abrange, no vocabulário de hoje, partes do Quirguistão, do Tadjiquistão e do Usbequistão. Nela encontram-se os solos mais férteis da Ásia Central. Por ela trafegavam algumas das caravanas milenares que compunham a Rota da Seda. Cf. FOURNIAU, V. *Histoire de l'Asie Centrale*. Paris: Presses Universitaires de

e seu pai, Tughj, comandara tropas em combates contra os bizantinos e fora governador da Síria. No começo do século X, Tughj caiu em desgraça diante da corte de Bagdá e foi confinado em Damasco. Anos mais tarde, o jovem Muhammad, que estivera preso ao lado de seu pai, obteve um cargo junto a Tekin, emir do Egito, que o enviou para erradicar motins no vale do Nilo. Pouco depois, ele voltou à Síria e conseguiu angariar prestígio suficiente para se tornar governador de Damasco, em 930, mas não pode ficar muito tempo por lá, pois foi nomeado, em 933, para administrar o Egito. Todavia, a despeito de ser citado como o emir da província nas orações de sexta-feira nas mesquitas de Fustat, ele precisou ficar no Levante por mais dois anos a combater grupos sediciosos. Por fim, em 935, ele pode se incumbir do cargo a ele designado.³⁷ A princípio, sua presença no país do Nilo não passava de mais uma tentativa do califado de empregar militares talentosos para conter a crise que se prolongava há muitos anos. Porém, desta feita, o que aconteceu foi mais uma iniciativa de criação de um emirado autônomo no Egito.

Pelo que se conhece de sua trajetória anterior e de seu governo, não há como saber se a disposição para manter forte independência diante de Bagdá e mesmo, como acabou acontecendo, para criar seu próprio emirado, estava nos planos de Ibn Tughj desde que ele começou a estabelecer contatos permanentes com a Síria e o Egito. No entanto, considerando a conjuntura crítica regional, é bastante plausível supor que, tal como ocorrera a outros antes dele, a ideia não lhe devia ser estranha. Na realidade, estranho seria se essa conjectura não lhe passasse pela cabeça. Não se quer aqui atizar a fogueira dos preconceitos típicos de uma certa literatura euroamericana que concebe a história dos povos do Oriente Médio como o resultado de intrigas deletérias, brutalidade das elites e ação oportunista de aventureiros desmedidamente ambiciosos. Mas, o fato é que a ocasião era extremamente favorável à ação de homens de armas que tivessem talentos administrativos e habilidades para organizar sua própria tropa, construir uma clientela, conservar um *clique* sob seu controle e obter credibilidade popular suficiente para desafiar a autoridade califal.³⁸

France, 1994. Na época do nascimento de Ibn Tughj, o vale do Fergana estava sob o controle dos Samanidas, uma dinastia que conseguira formar um emirado próprio, embora mantendo fidelidade, ao menos nominal, como alguns de seus símiles a oeste, ao califado dos Abássidas. Ver HAMBLY, G. "Regional fragmentation in South Asia" in: FARMER, E. L. et al. *Comparative History of Civilizations in Asia*. Boulder/London: Westview, 1986, Volume I, pp. 307-320.

³⁷ SEARS, S. "Ikhshidids" in: MERI, J. (ed.). *Op. cit.*, Vol. 1b, p. 382.

³⁸ A palavra *clique* refere um pequeno grupo de indivíduos (localizados, em geral, dentro de um grupo mais amplo que oportunizou sua aproximação e facultou-lhes um meio compartilhado de comunicação), cujas

Muhammad ibn Tughj reunia esses atributos. Sua chegada ao Egito foi vivamente descrita por Stanley Lane-Poole, que se baseou no cronista do século XIII, Ibn Sa'id al-Maghribi.

[...] No verão de 935, o povo de Misr [Egito] viu a procissão de vasos de guerra do Ikhshidid avançando sobre o Nilo, vinda de Damietta, e ocupando a ilha de Roda, que estava conectada à cidade por uma ponte de barcos; e em agosto as tropas entraram na capital e a saquearam por dois dias, até serem chamadas à ordem por seu senhor. Após a anarquia dos trinta últimos anos, a firme, embora rapinante, mão do novo governante, foi uma mudança agradecida, e o entusiasmado filho de El-Khaláty, que subiu em um cavalo esculpido em madeira que ficava diante do seu palácio e soltou uma pomba docemente untada de almíscar e água de rosa em direção ao novo emir, expressou os sentimentos do povo.³⁹

Ao assumir o cargo, ele teve que vencer imediatamente a oposição do poderoso clã dos Madarani, que se mantivera por muito tempo a controlar a arrecadação dos impostos. Uma disputa que o levava a questionar implicitamente a autoridade de Bagdá, já que o *amil* (o responsável pela administração das finanças provinciais), assim como o *cadi*, eram subordinados diretamente ao califa e não ao emir. Em paralelo, ele foi obrigado a enfrentar dois desafios externos. O primeiro foi um ataque dos Fatímidas a Alexandria, rapidamente repellido, em 936. O segundo foi uma disputa, por ele também vencida, com o comandante das tropas abássidas estacionadas na Síria, Ibn Raiq, que estava disposto a questionar sua autoridade. Essas façanhas lhe renderam bons dividendos. Para começar, apesar da disputa com os Madarani, elas ampliaram seu prestígio junto à corte abássida. Em 938 ou 939, Ibn Tughj conseguiu que o califa Radi lhe concedesse o título honorífico de *Ikhshid* ou *Ikhshidid* (no idioma iraniano da Sogdiana, *príncipe* ou *rei*), usado pelos governantes do Vale do Fergana. Era uma evidencia clara de sua força política e militar. Escudado por esse fator de prestígio, o turco e suas tropas muito rapidamente se apoderaram da Palestina e das cidades santas de Meca e Medina, no Hijaz. Essas ações imperialistas não foram desencadeadas por ordem pessoal do califa, mas foram feitas em seu nome.⁴⁰

características diferenciais são, dentre outras, se conhecerem, adotarem pautas comuns de ação, demarcarem limites bem definidos entre quem está dentro e quem está fora, bem como as condições para ingresso, permanência ou exclusão do grupo. Alguns psicólogos sociais incluem elementos afetivos (amizade, por exemplo) na caracterização dos elos que unem os membros de um *clique*, mas eles não são determinantes na definição desse conceito. CRISP, R. J.; MAITNER, A. T. "Cliques" in: LEVINE, J. M.; HOGG, M. A. (Eds.). *Encyclopedia of Group Processes & Intergroup Relations*. Thousand Oaks: Sage, 2010, p. 90.

³⁹ LANE-POOLE, S. *The Story of Cairo*. London: J. M. Dent & Co., 1902, pp. 93-94.

⁴⁰ SUNDELIN, L. "Egypt: Tulunids and Ikhshidids, 850-969" in: SHILLINGTON, K. (Ed.). *Encyclopedia of African*

Em todas as partes que foram incorporadas ao território de mando dos Ikhshidids, os impostos foram crescentemente elevados e os ânimos populares aumentaram na mesma proporção.⁴¹ Porém, as conclusões que alguns tiram desses fenômenos parecem muito subordinadas a valores e a expectativas de bom convívio público típicas da Época Contemporânea. Exemplo disso foi o modo como Moshe Sharon analisou aquele momento. Segundo ele, o governo de Ibn Tughj cobrou impostos escorchantes sobre a população da Síria e do Egito, mas não empregou o dinheiro obtido para promover melhorias materiais e assegurar a proteção das áreas sob seu controle. O clã no poder, seus pares no alto oficialato e na burocracia, e seus clientes ficaram com boa parte do que arrecadaram para si mesmos. Não admira que logo tenham perdido o apoio que precisavam da população. Essas práticas levaram-no a dizer que “os Tulúnidas tinham se preocupado com o bem estar e a segurança dos países sob seu domínio pela maior parte do seu governo, mas os Ikhshidids enveredaram por uma política muito extravagante, corrupta e gastadora desde o começo”.⁴² Ora, na realidade, esse era o padrão de relacionamento entre os dirigentes e os bens do Estado, mesmo nos tempos dos Tulúnidas, uma época que parece ter sido idealizada pelo historiador israelense.

É preciso enfocar melhor essa questão. De fato, aproveitando heranças persas e bizantinas, os governantes islâmicos desenvolveram um setor burocrático bastante amplo, quando comparado, por exemplo, ao que se encontrava na Europa Ocidental na Idade Média. Na capital do império e nas capitais provinciais havia um encarregado de apurar as denúncias (inclusive de apropriação indébita) feitas contra os funcionários públicos (o *shahib al nazar fil mazalim*). Note-se que, em termos normativos, os bens públicos eram bens da *umma* (a comunidade dos crentes como um todo) que deviam ser guardados e administrados pelo califa e seus comandados. Entretanto, essa prescrição estava longe de implicar uma significativa e autoreflexiva dissociação entre a administração pública dos bens públicos e a disposição privada dos bens privados. Ocorre que, quando se fala de corrupção e gastos excessivos, tal implicação vem presumida. Esse estado de coisas era quase impensável naquelas circunstâncias sociopolíticas. Não que não existisse uma noção mínima de diferença entre os detentores legítimos dos bens. Sabia-se que usufruir da liberdade, ou seja, de não estar sob o jugo da escravidão, era ser socialmente

History. New York: Fitzroy Dearborn, 2005, Vol. 1, pp. 430-431.

⁴¹ LANE-POOLE, S. *A History of Egypt in the Middle Ages*. New York: Charles Scribner's Son, 1901, pp. 78-79.

⁴² SHARON, M. “The history of Palestine from the Arab conquest until the Crusades (633-1099)” in: AVY-YONAH, M. (Ed.). *A History of Israel and the Holy Land*. New York: Continuum, 2003, p. 227.

autorizado a possuir uma coleção finita, porém, não delimitada *a priori*, de objetos e capacidades. Obtinham-se bens pelo comércio, pela transformação da natureza e, não se pode esquecer, pela conquista – de favores, de cargos, de butins, de prestígio etc. Os mecanismos dessa conquista, fosse ela individual ou grupal, variavam do desempenho militar triunfal até a habilidade na condução das intrigas, passando pelo sucesso no comércio e na usura. Em todos os casos, e é isso que importa acentuar, não estava bem demarcada a materialidade intocável da *res publica*.

Naquela sociedade *tendencialmente estamental*, esperava-se dos bem sucedidos que zelassem pela justiça e que fossem bons muçulmanos, isto é, que cumprissem seus deveres diante de Deus, como o de praticar a caridade (*Zakat*) e o de peregrinar aos lugares santos, especialmente a Meca.⁴³ Mas não se esperava muito mais do que isso em termos de comportamento pessoal. É certo que as condutas eram reguladas por expectativas coletivas quanto à expressão pública da devoção e da submissão. Entretanto, e é isso que desejamos salientar, tais expectativas não tinham a ver com a dissociação entre a administração pública dos bens públicos e a disposição privada dos bens privados. Não se entenderia a preocupação de centenas de governantes islâmicos ao longo da história com a realização de obras de grande impacto estético-funcional se isso não fosse levado em consideração. Construía-se prédios públicos e mesquitas suntuosas para enaltecer a si no ato mesmo de declarar, por meio dessa volumetria opulenta, sua submissão incondicional a Deus. Porém, isso não implicava que as somas vultosas de dinheiro gastas viessem apenas dos cofres privados de quem patrocinava as obras. Os governantes despendiam seu próprio dinheiro, não há dúvida. Mas, como tinham acesso às riquezas do Estado que conquistaram ou que herdaram, não se faziam de rogados ao usá-las e raras vezes eram contestados *apenas* por isso.⁴⁴ Assim como fizeram os titulares dos emirados dos Tulúnidas, dos Safáridas (no Irã, 867-903) e dos Samânidas (no Irã, 819-1005), Muhammad al-Ikhshidid marcou sua força e seus planos cunhando suas próprias moedas, em Fustat, em Damasco, em Ramla e noutros lugares. Cunhagem prudente, por suposto, já que as moedas continham em uma das faces o nome do califa e na outra o nome do emir. Prudente, mas expressiva de uma inegável veleidade de autonomia.⁴⁵

⁴³ LOPES, M. S. *Novo Dicionário do Islão*. Alfragide: Casa das Letras, 2010, [2ª Ed.] pp. 137-138, 389.

⁴⁴ DOUGLASS, S. *Rise and Spread of Islam, 622-1500*. Detroit: Thomson Gale, 2002, pp. 82-130.

⁴⁵ LANE-POOLE, S. *A History of Egypt in the Middle Ages*. New York: Charles Scribner's Son, 1901, p. 77.

O novo emir foi capaz de conduzir a economia provincial de modo a revalorizar rapidamente a moeda (o *dinar*), garantir um ambiente de segurança social e montar um exército que chegou a ter 400 mil soldados. No entanto, escreveu um historiador italiano de nossos dias, “[...] com respeito a seu predecessor, o homem era muito menos fascinante e generoso”.⁴⁶ Essa imagem um tanto morna do fundador da dinastia dos Ikhshidids teve a ver com o sombreamento sobre ela exercido nas memórias coletivas pelo tutor de seus filhos. Por isso, é chegada a hora de falar do eunuco Abu al-Misk Kafur. Quase nada se sabe desse homem negro, que ascendeu da escravidão ao trono de um emirado que estendia sua autoridade sobre uma vasta região que englobava o Hijaz, o vale e o delta do Nilo e o Levante. Ele nasceu entre 904 e 920. Uns dizem que foi na Núbia (talvez, na província de Lab) e outros que foi na Etiópia.⁴⁷ Diante de falta de dados biográficos precisos, o que se tem por mais ou menos consensual é que, quando jovem, ele foi comprado por dezoito peças de ouro por alguém que lhe deu de presente a Muhammad ibn Tughj. Este o fez tutor (*Atatek*, guardião) de seus filhos, chefe de sua guarda palaciana e o incumbiu de importantes tarefas militares, como o comando de tropas que, em 942 e em 945, venceram os Hamdanidas na Síria.⁴⁸ Ao contrário do que muitos possam pensar hoje em dia, movidos por previsíveis estereótipos falocêntricos e homofóbicos, esses eram encargos comuns aos eunucos nas sociedades asiáticas.⁴⁹ Dominique e Jeanine Sourdel resumiram o saber consolidado a esse respeito ao afirmarem que,

[...] os eunucos eram especialmente procurados para o serviço dos poderosos em razão da fidelidade que seu senhor podia esperar deles, já que não tinham nenhum laço familiar nem qualquer descendência a favorecer. Ao mesmo tempo, e segundo um hábito oriental que prevaleceu igualmente em Bizâncio, eles eram particularmente utilizados nas forças armadas, em todas as épocas, sem que se possa saber a proporção que eles representavam.⁵⁰

⁴⁶ LO JACONO, C. *Op. cit.*, p.71.

⁴⁷ Vejam-se, FROMHERZ, A. J. “Kafur, Abu al-Misk” in: AKYEAMPONG, E.; GATES, Jr, H. L. (Eds). *Dictionary of African Biography*. New York: Oxford University Press, 2012, Volume 3, pp. 261-262 e MIKABERIDZE, A. “Kafur, Abu’l-Misk al-Ikhshidi (d. 968)” in: _____ (Ed.). *Conflict and Conquest in the Islamic World: A Historical Encyclopedia*. Santa Barbara: ABC-CLIO, 2011, Vol. 1, pp. 458-459.

⁴⁸ SEARS, S. “Ikhshidids” in: MERI, J. (Ed.). *Op. cit.*, Vol. 1b, p. 382.

⁴⁹ TOUGHER, S. “Eunuchs” in: SMITH, B. G. (Ed. in chief). *The Oxford Encyclopedia of Women in World History*. New York: Oxford University Press, 2008, Vol. 2, pp. 199-202.

⁵⁰ SOURDEL, D. et SOURDEL, J. *Dictionnaire Historique de l’Islam*. Paris: Presses Universitaires de France/Quadrige, 2004, p. 277.

O emprego de eunucos, bem como de escravos-soldados, configurava um *recurso organizacional* amplamente utilizado pelas elites dirigentes no Mundo Islâmico até a Época Moderna. Com essa expressão pretende-se indicar dispositivos funcionais de controle que podiam ser acionados por aqueles estratos para melhorar seu desempenho no tocante ao domínio que exerciam sobre as populações subjogadas. Tais dispositivos não escapavam – ao menos em seus aspectos gerais – à percepção dos atores, mas seria evidentemente muito ingênuo supor que eles tinham plena clareza a seu respeito. Os indivíduos e grupos de indivíduos dispunham de estoques (variáveis) de informação e de capacidades (desiguais) para tomarem decisões a fim de maximizar seus ganhos materiais e simbólicos. Esses ganhos podiam ter, entre outras consequências, uma ampliação de suas margens de manobra. O modo como lançavam mão dos recursos organizacionais resultava de saberes acumulados e da maior ou menor disposição para fazer experimentos inovadores. Assim, quando os governantes islâmicos medievais e modernos adotavam escravos-soldados ou eunucos para comandarem tropas ou gerenciarem a burocracia eles sabiam que muitos tinham feito o mesmo antes deles. Eles esperavam que aqueles homens desenraizados, sem liames familiares e, bem provavelmente, em busca interações que lhes assegurassem alguma proteção, contribuíssem significativamente para o aumento dos seus recursos de poder (autoridade, prestígio) no interior da organização política. Em suma, aqueles mecanismos organizacionais se tornaram, com o passar dos séculos, *instituições*, ou, como escreveram concisamente dois sociólogos estadunidenses, “formas estabelecidas de procedimento”.⁵¹

Muhammad al-Ikhshidid certamente esperava tudo aquilo de Kafur. Quando ele morreu, em 946, seu filho mais velho, Unujur (ou Anujur), ainda era apenas uma criança e coube ao eunuco administrar o emirado, navegando o mar de conflitos entre as frações militares e aristocráticas que disputavam cargos e prebendas. Essas tensões se agravaram conforme o jovem herdeiro foi crescendo e entrando em rota de colisão com o regente, cada um apoiado por cliques palacianos diversos. No entanto, os sucessos militares na defesa do espaço de poder do emirado lhe permitiram capitalizar autoridade e prestígio. Kafur manteve o controle da Palestina, contestado por Muhammad al-Hasan, o senhor da Síria, com quem travou guerra em 946, em Nasira. Pouco depois, capturou Damasco. Venceu de novo o chefe dos Hamdanidas, em 947, em Marj Rahit. Mas o senhor da guerra sírio ficou com Alepo e com a incumbência

⁵¹ MACIVER, R. M.; PAGE, C. H. *Society: An Introductory Analysis*. New York: Rinehart & Co., 1949, p. 15.

dada pelo califa de manter a proteção da província frente aos bizantinos. No mesmo ano, o regente dos Ikhshidids venceu Ghabun, governador rebelde do Médio Egito, que tentara tomar Fustat. Em 957, uma grande expedição foi enviada à Nubia e a cidade de Qasr Ibrim foi controlada por algum tempo. Por fim, Unujur faleceu em 961 e houve quem acusasse Kafur de ter envenenado o Ikhshidid adolescente.⁵² Nada de grave, porém, abalou sua autoridade regencial e ele se manteve como guardião, agora de Abu'l Hasan Ali, o segundo filho do fundador da dinastia.

Kafur, que já mostrara grande habilidade como regente (e *vizir*), não tardou a ofuscar seu jovem senhor, a quem destinou uma pensão anual de 400 mil dinares. Mas a história de sua relação com Abu'l Hasan Ali ibn al-Ikhshidid terminou por ser muito parecida, pelo menos aos olhos de alguns contemporâneos, com a que ele mantivera com o filho mais velho de Ibn Tughj. Conforme o garoto cresceu, os interesses grupais múltiplos que atravessavam a corte se fizeram cada vez mais intensos. Os vários rivais de Kafur – desde eunucos e mulheres do harém até comandantes militares e detentores de altos cargos burocráticos que aspiravam ocupar o vizirato – buscavam controlar o jovem herdeiro. Kafur, por seu turno, era regente de um vasto emirado e precisava agir em várias frentes. As tensões internas se agravaram com a morte de Ali, em 965. Mais uma vez o *Atatek* foi acusado de ter envenenado o governante legítimo. As denúncias, porém, não vingaram. Ademais, o próprio califa lhe conferiu um adicional de prestígio ao lhe agraciar com o título de *al-Ustadh* (*tutor* ou *senhor* ou *mestre*), termo de sabor nobiliárquico com o qual ele passou a ser mencionado na *Khutba*, a oração de sexta-feira.⁵³

Ao longo de sua curta existência, o Emirado dos Ikhshidids enfrentou o assédio permanente de duas ordens bem diversas, mas confluentes, de problemas. Primeiro: as tentativas de invasão por mar e por terra de Bizantinos, Fatímidas, Hamdanidas e tribos de nomes pouco precisos vindas do deserto. Isso levou ao limite do esgotamento as tropas, os recursos financeiros e as camadas populares, ameaçadas pelas explosões de revolta dos soldados que, a todo momento e por quaisquer motivos, queriam soldos e butins maiores. Segundo: as constantes crises de abastecimento de alimentos. Como se sabe desde os antigos gregos, quase toda a área agrícola do Egito depende do comportamento das águas do Rio Nilo. Planta-se no solo fertilizado depois que elas baixam; colhe-se antes que elas cresçam de novo. Todavia, essa

⁵² O'LEARY, D. L. E. *A Short History of the Fatimid Khalifate*. London: Kegan Paul, Trench, Trubner, and Co., 1923, p. 94.

⁵³ O'LEARY, D. L. E. *Ibidem*.

complementaridade estava longe de ser de todo previsível. Nem sempre as águas cresciam conforme o esperado; nem sempre elas baixavam no ritmo adequado ao plantio. Às vezes subiam tanto que inundavam os canais e as valas, derrubavam muros e invadiam casas; outras vezes ficavam quietas por longo tempo, um ou dois anos, o que desestabilizava profundamente o frágil sistema agrícola das margens e do delta do grande rio.⁵⁴ Nos anos de 949, 952, 955 e 963-969, a carestia grassou no Egito. Algumas vezes as águas não subiram o suficiente; outras subiram demais. O plantio de grãos e leguminosas foi medíocre naquele período; veio a fome, os motins das tropas e as revoltas da população urbana. Para agravar o quadro, ocorreram nesse período incêndios de grandes proporções em Fustat. E registrou-se pelo menos um terremoto com muitas centenas de vítimas.⁵⁵

Foi nesse contexto bastante crítico que, em fevereiro de 966, Kafur se tornou efetivamente o emir do Egito. Ele avocou para si o título de *Ikhshidid* e vestiu-se com os trajes que indicavam a titularidade do cargo. Alguns anos antes, ele tomara diversas medidas visando reforçar sua autoridade. Uma delas teve forte impacto nos efetivos militares. Lançando mão do *recurso organizacional* acima delineado, ele montou uma tropa de escravos sudaneses (conhecida como *al-kafuriyya*), para se proteger e garantir a ordem pública. Para mantê-la, o regente adquiria continuamente um plantel de cativos que era trazido do Alto Nilo especialmente para essa finalidade.⁵⁶ Não admira que essa tropa tenha sido imediatamente vista pelos comandantes das tropas turcas (chamadas de *al-ikhshidiyya*) como uma força competidora. Essa tensão percorreu o governo de Kafur do começo ao fim e foi, muito provavelmente, um fator decisivo no esgarçamento do seu poder e no enfraquecimento da capacidade de defesa do emirado. Exemplo disso foram as contínuas derrotas da marinha frente aos ataques navais dos bizantinos, entre 960 e 963, a Chipre, ao Levante e ao próprio Egito.⁵⁷ Outra medida centralizadora teve a ver com o controle das finanças. Para comenta-la, é preciso, uma vez mais, evocar a noção de *recurso organizacional*, desta feita para mencionar a presença de um personagem não tão estrangeiro quanto Kafur, mas recrutado no *dhimmi*, Ya'kub Ibn Killis.

⁵⁴ Para o ciclo das águas do grande rio, ver SARTRE, M. "La crue du Nil: religion et géographie". *L'Histoire*, (211), Juin 1997, pp. 48-54.

⁵⁵ MIKABERIDZE, A. *Op. cit.*, p. 459.

⁵⁶ BACHARACH, J. "African military slaves in the Muslim Middle East". *BlackPast.org. Remembered & Reclaimed*. (Disp. em <http://www.blackpast.org/perspectives/african-military-slaves-muslim-middle-east>).

⁵⁷ MIKABERIDZE, A. *Op. cit.*, p. 459.

Nascido em Bagdá, em 930, no seio de uma família de comerciantes judeus, Yak'ub ibn Killis foi ainda criança para a Síria onde, no final da adolescência, se tornou uma espécie de representante comercial na cidade de Ramla. Alguns anos depois, bastante endividado, ele foi à falência e rumou para o Egito, onde, pelo seu conhecimento do grande comércio e seu domínio da contabilidade, caiu nas graças de Kafur.⁵⁸ Logo assumiu cargos importantes na administração financeira do emirado. Ao nomear alguém para ocupar uma função que, pelas regras administrativas do Estado imperial dos Abássidas, estava subordinada à pessoa do califa, o dirigente Ikhshidid não deixava mais dúvidas quanto ao caráter autônomo que pretendia conferir ao emirado egípcio. A carreira de Ibn Killis ficou grudada à do emir. Em 967, aparentemente para reforçar a admiração que o governante lhe devotava, ele se converteu ao Islã e passou a ser visto constantemente a ler obras teológicas e jurídicas. Sabe-se, porém, que pesou bastante nessa mudança de conduta um comentário, que teria sido feito por Kafur, afirmando seu desejo de que, após a sua morte, Ibn Killis se tornasse o novo vizir, o que implicaria a conversão religiosa. No entanto, quando seu protetor morreu, ele passou a ser perseguido pelo vizir Ibn al-Furat e seus aliados, o que o levou a fugir para o Magrebe. Lá ele encontrou proteção na corte do califa fatímida Al-Muizz, que pretendia aproveitar seu conhecimento do Egito.⁵⁹

A profunda crise socioeconômica do emirado ao tempo em que Ibn Killis esteve a controlar suas finanças estabeleceu limites claros ao prestígio popular de Kafur. Mas não parece ter sido um empecilho aos gastos suntuosos dos quais lhe acusaram os contemporâneos. Como tantos outros dirigentes muçulmanos medievais, ele manteve uma corte muito movimentada. Foi generoso com os músicos e os escritores, sobretudo, por suposto, os que o adulavam. Ele também patrocinou comilanças monumentais. Fiando-se em al-Musabbihi (977-1030), um cronista caiota que ouviu muita gente falar do assunto, Claudio Lo Jacono escreveu:

[...] na sua cozinha entravam diariamente 100 ovelhas, 100 cordeiros, 250 gansos, 500 galinhas, 1000 pombos e outras aves, além de 100 vasilhames de vários tamanhos de guloseimas doces, dentre as quais a marmelada de cidra tão grata a Kafur; 1700 libras de carne para temperar nas quais se consumia outras 50 libras de bebida alcoólica. E tudo animado com música e dança em

⁵⁸ BAKER, C. D. "Ya'qub ibn Killis" in: AKYEAMPONG, E.; GATES, Jr, H. L. (Eds). *Dictionary of African Biography*. New York: Oxford University Press, 2012, Vol. 6, pp. 201-202.

⁵⁹ STILLMAN, N. "Ya'kub ibn Killis" in: MERI, J. (Ed.). *Op. cit.*, Vol. 2, p. 869.

um país que já amava tão intensamente qualquer manifestação de alegria que só uma interpretação moralista do Corão procuraria proibir.⁶⁰

Não foi sem bons motivos que um dos literatos que frequentavam sua corte chegou a tamanho grau de bajulação que escreveu um poema explicando que o terremoto em Fustat decorrera da alegria do povo, já que a gente dançava tanto em homenagem ao emir que acabou fazendo a terra tremer. Ibn Khalikan, de cujo dicionário biográfico foram retiradas essas anedotas, ainda asseverou que o emir, embevecido com o poema, deu uma bolsa com mil dinares ao poeta.⁶¹ É bem verdade que nem tudo no emirado era adulação e, ao fim e ao cabo, os letrados medievais pintaram-no com tintas discrepantes. Ora o elogiavam pela argúcia no governar, ora ridicularizavam sua cor, seu porte físico e, por suposto, sua condição sexual. Kafur morreu em abril de 968, aparentemente de causas naturais. Ainda envolto em fama e prestígio, a ele foram dedicadas orações e sermões em Damasco, em Meca e no Cairo. Seu corpo foi trasladado para Jerusalém, onde foi enterrado. Teria, ao falecer, uma fortuna notável. Sem matizar a fonte de onde tirou essas cifras, um historiador escreveu temerariamente que ele morreu aos 60 anos, “[...] deixando propriedade no valor de 700.000 dinares de ouro, e bens, móveis, joias, escravos e animais avaliados em cerca de 600.000 dinares”.⁶²

Há mais de cem anos, Stanley Lane-Poole chamou a atenção para o significado político profundo do processo sucessório desencadeado pela morte de Kafur. Segundo ele, os altos burocratas e os comandantes militares reuniram-se para escolher o novo titular do emirado, sem prestarem contas ao califa, em Bagdá. Isso indicava o quanto o Egito e suas áreas de controle tributário – uma boa parte da Síria e do Hijaz – mantinham uma efetiva autonomia diante da autoridade califal. O escolhido foi Abu-l-Fawaris Ahmad, um garoto de 11 anos. Ele era filho de Ali ibn al-Ikhshidid, que falecera em 965. Também ficou decidido que seu primo, Hoseyn ibn-Obeydallah ibn-Tughj, seria o seu sucessor. O novo emir foi celebrado com a cunhagem de moedas em seu nome em Fustat e em Ramla. E passou a ser citado nas orações de sexta-feira por todo o território do emirado. Todavia, não passava de um menino e não tinha mais o enérgico Kafur por tutor. Coube a Ibn al-Furat assumir a tutoria do herdeiro, o vizirado e o controle das finanças. Mas, sua incompetência no trato com a soldadesca levou a uma revolta dos comandantes militares, que

⁶⁰ LO JACONO, C. *Op. cit.*, p. 72, n. 15.

⁶¹ O'LEARY, D. L. E. *Op.cit.*, p. 96.

⁶² O'LEARY, D. L. E. *Idem*, p. 97.

guindaram Hoseyn ibn-Obeydallah ibn-Tughj, então governador de Ramla, à regência do Egito.⁶³

Intensamente fraturada por disputas entre partidários do vizir e do novo regente, a elite dirigente do emirado foi incapaz de resistir ao assédio das tropas bem armadas e altamente motivadas do Califado Fatímida. Não havia mais comando militar centralizado, os soldos nunca eram o bastante, as traições se sucediam. Por meados de 969, Fustat foi tomada sem que uma reação digna de memória fosse esboçada. No ano seguinte, as tropas do califa Al-Muizz chegaram à Síria, onde venceram os soldados de ibn-Obeydallah e de seus aliados carmatianos. Chegava ao fim o pequeno império de Muhammad Ibn Tughj, de seus herdeiros e, sobretudo, do eunuco negro Abu al-Misk Kafur al-Ikhshidid. De resto, dez anos depois de sua conversão ao Islã e nove anos depois da morte do seu antigo protetor, Yakub ibn Killis, que voltara ao País do Nilo, agora sob o domínio dos Fatímidas, para reorganizar suas finanças, foi nomeado vizir pelo califa Al-Aziz. Nesta função, ele promoveu uma política de distensão com o Império Bizantino e, na frente interna, uma aproximação com as lideranças judaicas e cristãs do Cairo. Ele morreu em 991. Seu legado foi uma administração bem organizada e o projeto – logrado nos séculos vindouros – de fazer da mesquita de al-Azhar um centro importante de ensino da doutrina islâmica.⁶⁴

Brevíssimas conclusões

Um escravo negro, vindo do outro lado do deserto, castrado em algum lugar fora da Casa do Islã, pois dentro dela essa cirurgia era proibida, e um judeu bagdadiano livre, protegido do eunuco. Ambos convertidos à religião do profeta Muhammad. O primeiro, talvez pela força, talvez com imenso prazer; o segundo, certamente, por vontade própria. Ambos extremamente influentes na vida política e econômica do Egito e da Síria do seu tempo. Ambos mais ou menos estrangeiros. O primeiro, incapaz de gerar herdeiros numa sociedade que tanto valorizava a figura do macho primogênito; o segundo, nascido no *dhimmi* e, por isso, destituído de muitos direitos e acessos até que se tornou muçulmano. Kafur tinha uma origem étnica que contrastava fortemente com a dos principais segmentos da elite dirigente do emirado, os comandantes militares e os altos burocratas. Entre os primeiros predominavam homens descendentes de turcos da Ásia Central que foram para o Egito, primeiro

⁶³ LANE-POOLE, S. *A History of Egypt in the Middle Ages*. New York: Charles Scribner's Son, 1901, p. 89-90.

⁶⁴ Cf. BAKER, C. D. *Op. cit.*; STILLMAN, N. *Op. cit.*

como companheiros de Ibn Tughj, depois como soldados-escravos do emir. Entre os segundos, muitos vinham de famílias abastadas, islâmicas, coptas ou judaicas, do próprio país ou para lá enviados por Bagdá. Já Ibn Killis, que foi instado pela ordem social vigente a se integrar à comunidade judaica local, tinha a sorte de não ser tão distinto fisionomicamente quanto o eunuco, o que decerto lhe poupava de muitas agruras. Ambos guardavam similaridades que é preciso acentuar uma vez mais antes de encerrar este estudo.

De uma perspectiva sociológica estrutural-funcionalista, pode-se afirmar que Kafur e Ibn Killis foram *objetivações de um recurso organizacional* inúmeras vezes acionado por dirigentes muçulmanos até o começo do século XX, a saber, o emprego de *estrangeiros* (ou *estrangeirados*) no maquinário administrativo. Sua lealdade era devida a um senhor bem definido e não a um clique ou a um estrato social permeável a interesses individuais difusos e divergentes. Seria equivocado, contudo, crer que essa *função* os anulava como pessoas. Ibn Killis, que tinha família, se tornou uma figura pública porque foi hábil em transitar por uma rede socialmente consagrada e estimulada de laços de favorecimento e proteção. Kafur, incapaz de gerar linhagem, beneficiou-se de sua posição na corte para articular seu clique, criar laços de clientela e distribuir prebendas em um meio que lhe era adverso em vários aspectos. Assim, embora tenha exercido autoridade e usufruído do prestígio que lhe foi dado acumular em um estado de coisas previamente cimentado pela ação vigorosa de Ibn Tughj, Kafur mostrou-se um personagem fundamental na configuração do projeto expansionista – ou imperialista, se se preferir – que animou o Emirado dos Ikhshidids. Pelo que se sabe, ele não pediu a Bagdá que nomeasse Ibn Killis para gerenciar as finanças do Egito e da Síria. Tampouco se preocupou em pedir autorização para manter com mão firme o domínio das cidades santas do Hijaz, controlando – alegadamente em nome do califa – o fluxo das caravanas e os tributos cobrados na região. Acrescente-se, por fim, que as carreiras de Kafur e de Ibn Killis dizem muito a respeito dos mecanismos de mobilidade sociopolítica presentes no centro do Islã medieval – as regiões árabes ou arabizadas e as regiões iranianas. Elas explicam porque foi dito acima que se tratava de uma sociedade *tendencialmente* e não efetivamente *estamental*.

Artigo recebida para publicação em 01/10/2016

Artigo aprovado para publicação em 27/03/2017